

## Os Bailes de gafeira - Repertórios em movimento

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MÚSICA POPULAR

*Daniela Spielmann*  
UNIRIO – danispiel@gmail.com

**Resumo:** Os Bailes de Gafeira abarcam uma multiplicidade de sentidos e englobam trocas contínuas entre músicos e dançarinos, e, de alguma forma, se relacionam com as memórias musicais e artísticas dos salões de dança cariocas, onde o samba tem uma presença marcante. Para abordar essa multiplicidade, foi utilizado como principal referencial teórico o conceito de Repertório desenvolvido por Robert Faulkner e Howard Becker (2011), que o entendem como um fenômeno, uma atividade. A partir de uma “fotografia de 10 bailes”, no Rio de Janeiro em 2016, foi categorizada a divisão entre dois grandes Repertórios de gafeira denominados de “Baile-show” e “Baile-baile”. No “mundo da gafeira”, no Rio de Janeiro, não foi encontrada uma vertente única, e sim, um complexo processo de escolhas feitas pelos frequentadores, músicos, dançarinos, contratantes e uma série de outros fatores que constituem essas construções.

**Palavras-chave:** Baile, Repertório, Gafeira.

### **Gafeira's Balls - Repertoires on the Move**

**Abstract:** The Gafeira Ball involves a multitude of meanings, incorporates continuous exchanges between musicians and dancers, and is somehow related to the musical and artistic memories of Rio de Janeiro's ballrooms, where samba is a significant presence. To address this multiplicity, the main theoretical framework has been the concept of Repertoire developed by Robert Faulkner and Howard Becker (2011), considered as phenomenon, an activity. The analysis of a "Snapshot of Ten Balls" in Rio de Janeiro, in 2016, originated the categorization of two large Gafeira repertoires, named as "Gafeira-show" (Baile-show) and "Gafeira-dance" (Baile-baile). In the "world of gafeira" in Rio de Janeiro, wasn't found an aspect with a single meaning, but a complex process of choices made by attendees, musicians, dancers, contractors and a number of other factors that make these constructs.

**Keywords:** Ball, Repertoire, Gafeira.

### **1. Repertórios – um conceito**

Os bailes de gafeira<sup>1</sup> envolvem uma multiplicidade de sentidos e englobam trocas contínuas entre músicos e dançarinos, e, de alguma forma, se relacionam com as memórias musicais e artísticas dos salões de dança cariocas, onde o samba tem uma presença marcante. No ambiente da dança e da música de salão, a dança é chamada de “dança a dois”.

Para abordar essa multiplicidade, utilizamos como principal referencial teórico o conceito de Repertório<sup>2</sup> desenvolvido por Robert Faulkner e Howard Becker (2011), que fazem uma musicologia sociologicamente orientada. Os dois sociólogos, trompetista e pianista respectivamente, trabalharam como músicos ligados à cena do jazz nos EUA. Ambos usaram sua própria experiência como instrumentistas no processo de escrita do livro. Os autores consideram o Repertório como um fenômeno, uma atividade, e não com o entendimento comum de repertório como um conjunto de canções ou temas. Os autores usam a ideia de construção e movimento (transformação) que é útil e foi adaptada para estudar e mapear o “mundo da gafeira”<sup>3</sup>, no Rio de Janeiro, pois também não foi encontrada no

Repertório da gafieira uma entidade única e sim um complexo processo de escolhas feitas pelos frequentadores, músicos, dançarinos, donos de estabelecimentos, e uma série de outros fatores que constituem esse “mundo”.

Os autores distinguem quatro elementos básicos para compor a noção de Repertório: as canções<sup>4</sup>, os executantes<sup>5</sup>, as circunstâncias da execução e o repertório de trabalho. As circunstâncias da execução são vinculadas a espaços que se caracterizam por sua localização e o que se espera dos executantes; dependem do tema do evento, do local, dos contratantes ou donos dos locais, dos músicos, dos dançarinos e dos frequentadores. O Repertório de trabalho é o conjunto de canções escolhidas e organizadas pelos executantes para criar uma atuação adequada à situação e às habilidades dos distintos integrantes de cada grupo. É a conversão deste repertório em ação, um subconjunto do repertório possível, formado por todas as canções que existem, dentro das possibilidades descritas pelos autores como constituintes do mundo do *Jazz* e aqui adaptadas para os bailes visitados.

Uma das partes centrais do livro trata da negociação e execução do repertório. Os autores destacam que o foco da análise do sociólogo são os momentos de tensão e conflito, e o momento de decidir o repertório seria o momento de conflito. Fazer uma lista dos temas possíveis para tocar, perguntar ao outro músico o que ele quer tocar, decidir antes ou durante uma atuação o que tocar: todas essas atividades constituem o repertório em ação. Aprender, saber, memorizar, descrever, avaliar, selecionar e tocar temas, fazer juntos essas coisas constitui um Repertório. A cultura dos músicos trabalhadores tal como se constitui e reconstitui nas atividades cotidianas que formam o ofício da música.

## **2. Gafieiras como Repertório: “Baile-show” e “Baile-baile”**

Os bailes<sup>6</sup> de gafieira contemplam o dançarino, com a intenção dos movimentos da dança de salão, vinculado ou não às academias de dança<sup>7</sup>, e os músicos, que têm a intenção de fazer dançar, respeitando os códigos da dança de salão ou não. Foram analisados dez Repertórios dentro de duas categorias que foram nomeadas de “Baile-show” e “Baile-baile”, com suas semelhanças e diferenças: lugares com música ao vivo ou mecânica, com mais ou menos dançarinos, em bairros diferenciados, para frequentadores diferenciados. A subdivisão entre “Baile-show” e “Baile-baile” deve ser pensada como em um contínuo, e não como duas oposições.

### **Baile-show**

#### *Grupos de música instrumental*

1. Baile do Almeidinha, no Circo Voador (2014, 2015, 2016), eventualmente com participações especiais<sup>8</sup>.

2. Daniela Spielmann Quarteto convida Zé da Velha e Silvério Pontes, no Rio Scenarium (2016).

*Grupos com predominância de música cantada*

3. Gafieira na Surdina, no Rio Scenarium (2016).
4. Gafieira Carioca, no Rio Scenarium (2016)<sup>9</sup>.
5. Gafieira do Bebê, no Centro Cultural Carioca (2015)<sup>10</sup>.

**Baile-baile**

*Ao vivo*

6. Orquestra Tabajara<sup>11</sup>, no Copacabana Palace (2016, gravação)<sup>12</sup>.
7. Banda Paratodos, na Gafieira Estudantina (2016)<sup>13</sup>.
8. Banda Estação Rio, no Clube dos Democráticos (2016)<sup>14</sup>.

*Com música mecânica (DJ)*

9. Baile do meio dia, no Centro Cultural Carioca (2015, 2016)<sup>15</sup>.
10. Domingueira da Paulinha, na Gafieira Elite (2014, 2016)<sup>16</sup>.

Os Bailes-show, que têm uma característica mista entre um baile e um show, às vezes comportam participações especiais de renome e canjas ao longo das apresentações. Os grupos valorizam habilidades instrumentais dos músicos, mas não respeitam totalmente os “códigos do baile”, como o sequenciamento por gêneros afins, a conexão rápida entre as músicas e andamentos compatíveis com a “dança a dois”. Na categoria “Baile-show”, foram analisados grupos que se configuram de duas formas distintas: grupos com maior enfoque na música instrumental e grupos com cantores. Os lugares onde se apresentam são em bairros mais nobres, ou em casas com um enfoque turístico, com ingressos mais caros, e não são necessariamente voltados para o público da dança. É possível a presença de frequentadores que vão para esses bailes só para ouvir música.

Os grupos da categoria “Baile-baile” seguem o padrão e os códigos da dança de salão. São bailes onde o intervalo entre as músicas é mínimo ou nulo, nos quais a intenção de fazer dançar é mais clara e há muitos dançarinos “dançando a dois” no salão (pelo menos em comparação aos Bailes-show). É preciso considerar duas subdivisões: com música ao vivo ou com DJ. Fazem parte da subcategoria “música ao vivo” as formações orquestrais no formato *big band* (a Orquestra Tabajara, que faz uma espécie de ponte entre os Bailes-show e os Bailes, tem características marcantes dos dois tipos de baile) e os conjuntos/grupos, que são formações instrumentais com menor número de músicos. Foi nos bailes de DJ e no subúrbio do Rio de Janeiro que vimos a maior quantidade de dançarinos e a prática de alguns códigos da dança de salão, como a ronda<sup>17</sup>.

### **3. O Baile - O repertório em ação**

A proposta nesta seção é analisar as performances específicas, ou seja, as “fotografias” de eventos específicos visitados e entender o baile como uma “faixa de áudio” única: como o “lado de um vinil”, do começo ao fim (pelo menos de um set de música)<sup>18</sup>. A partir das gravações dos bailes analisados, primeiramente foram separadas as faixas, marcando os pontos de início e fim de cada tema através do programa “*Sound Forge*” (programa fechado da Sony para a edição de áudio). Para medir o BPM<sup>19</sup> foi utilizado o aplicativo “*Sonic Visualizer*”. O processo de colocar as barras de compasso e os tempos se deu por aproximações, pois o programa trabalha com um nível de precisão alto e é difícil chegar a um mapa dos tempos absolutamente preciso.

#### ***O que se toca? Os gêneros musicais nos bailes***

Para identificar os gêneros musicais, foi realizada uma escuta compartilhada<sup>20</sup> com músicos e DJ. Convidamos músicos profissionais<sup>21</sup> que tocam instrumentos diferentes (bateria, baixo, teclado, violão, percussão e sopro) e um DJ. Houve um processo de elaboração e negociação entre nossa percepção dos gêneros, a dos músicos e a da DJ, e o resultado deste complexo processo afetou diretamente a classificação dos gêneros. Questões como letra, levadas, instrumentação, arranjo, época da gravação do áudio, todas essas instâncias serviram para a análise dos gêneros da música mecânica ou ao vivo<sup>22</sup>.

Observamos que nos Bailes-show há uma menor diversidade de gêneros e estilos, e uma maior quantidade de samba. O samba é um elemento comum entre os bailes, mas os grupos não escolhem os mesmos sambas para serem tocados. Os subgêneros dos sambas tocados nos Bailes-show incluem: sambas tradicionais ou de gafieira das décadas de 1930 a 1960, sambas modernos de compositores contemporâneos como Djavan e Ivan Lins, e o samba-jazz. Nos Bailes-baile há uma maior diversidade de gêneros, incluindo a música pop, além do samba, bolero (nos bailes de DJ incluem-se *zouk*, ritmos nordestinos e ritmos latinos). Os tipos de samba mais usados são os sambas modernos das décadas de 1980 e posteriores, que mesclam elementos pop, como o samba-swing, samba-funk, samba-rock; temas pop com levada de samba e sucessos comerciais.

#### ***Como tocar? Os andamentos, o tamanho das músicas.***

Pode-se notar que os BPM das músicas tocadas por bandas “Baile-show” são bem mais altos que os das bandas “Baile-baile”, e, no caso da música instrumental, mais altos ainda. O quadro abaixo mostra que os andamentos médios nos Bailes-show oscilam entre 90 e

110 BPM, e por outro lado, nos Bailes-baile oscilam entre 60 e 90 BPM. São visíveis a diferença de BPM mínimos, máximos e a média de BPM entre as duas categorias de baile.

BAILE-SHOW				BAILE-BAILE			
Baile	BPM mín.	BPM máx.	BPM médio	Baile	BPM mín.	BPM máx.	BPM médio
Baile do Almeidinha	54	170	113	Orquestra Tabajara	47	126	75
Daniela Spielmann Quarteto	64	144	99	Banda Paratodos	50	94	65
Gafieira na Surdina	46	116	96	Banda Estação Rio	43	102	62
Gafieira Carioca	70	113	99	Baile DJ CCC	47	113	74
Gafieira do Bebê	50	131	90	Domingueira da Paulinha	65	112	87

Quadro 1: BPM mínimo, máximo e médio das categorias de baile

A duração de uma canção em um baile é afetada pelo andamento, mas a escolha da forma e a quantidade de improvisos que um grupo se permite realizar são fatores importantes para definir o tamanho de um tema. Os improvisos ocorrem em todos os bailes, mas há um diferencial entre os Bailes-show e os Bailes-baile no que se refere ao tamanho e à maneira como se improvisa. O improviso certamente é uma das características das bandas da categoria “Baile-show”, em quantidades variáveis de acordo com as circunstâncias.

### ***Como conectar? Os espaços entre as músicas e os estilos***

Um professor de danças e frequentador de bailes comentou:

Uma coisa que eu vejo atualmente nos grupos de músicos é que eles tocam pra caramba, mas baile não é música pra ouvir, o que eu percebo é que eles ficam tocando pra músico, e, cara, esse negócio de acabar a música e esperar aplauso, isso não é baile, isso é concerto!! Baile, meu irmão, é um set inteiro sem parar (Conversas informais na Estudantina Musical com professor de dança e frequentador de bailes, 7 de maio de 2016).

Essas reclamações foram frequentemente observadas nas entrevistas e conversas informais ocorridas nos bailes visitados, e, somadas à análise do fluxo do baile, especialmente no que diz respeito às conexões entre as músicas, foram determinantes para se chegar à elaboração das categorias “Baile-show” e “Baile-baile”. As bandas/conjuntos ou DJs da categoria “Baile-baile” quase sempre conectam as músicas sem interrupções, independentemente do estilo, como se fosse um *medley* de mais de uma hora, de um set inteiro. O compromisso com a dança é maior que qualquer outra dimensão. A apresentação dos músicos e o convite para músicos darem uma “canja” ao longo da apresentação são

procedimentos que ocorrem nos Bailes-show, que valorizam artisticamente a apresentação, mas interrompem o fluxo do baile.

A figura abaixo mostra a duração total dos bailes gravados (barra maior) e a soma do intervalo entre as músicas (barra menor), sendo visível a diferença entre os cinco primeiros bailes e os cinco últimos.

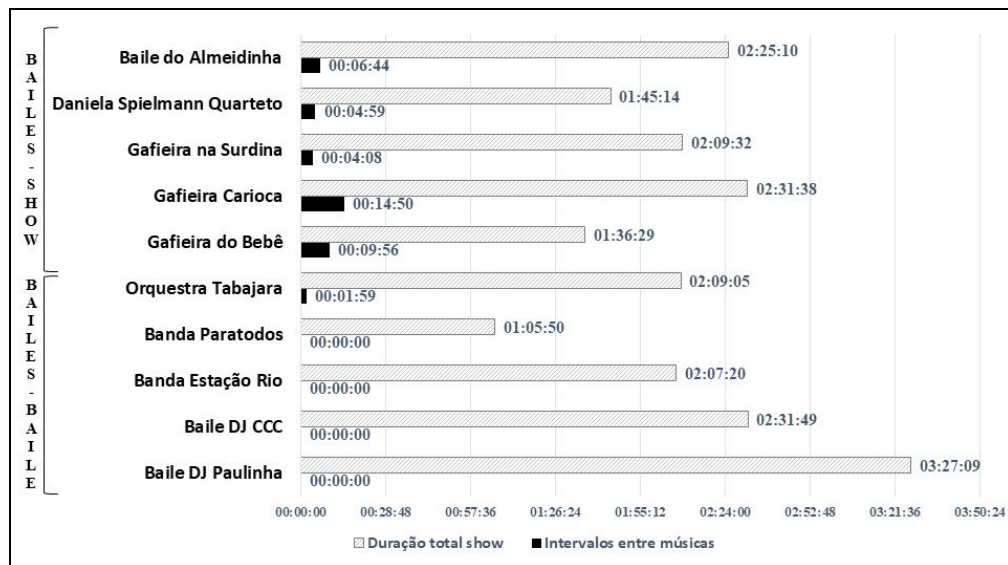


Figura 2: Incidência intervalos entre músicas sobre tempo total bailes

Gráfico 2: Incidência dos intervalos entre músicas sobre o tempo total do baile

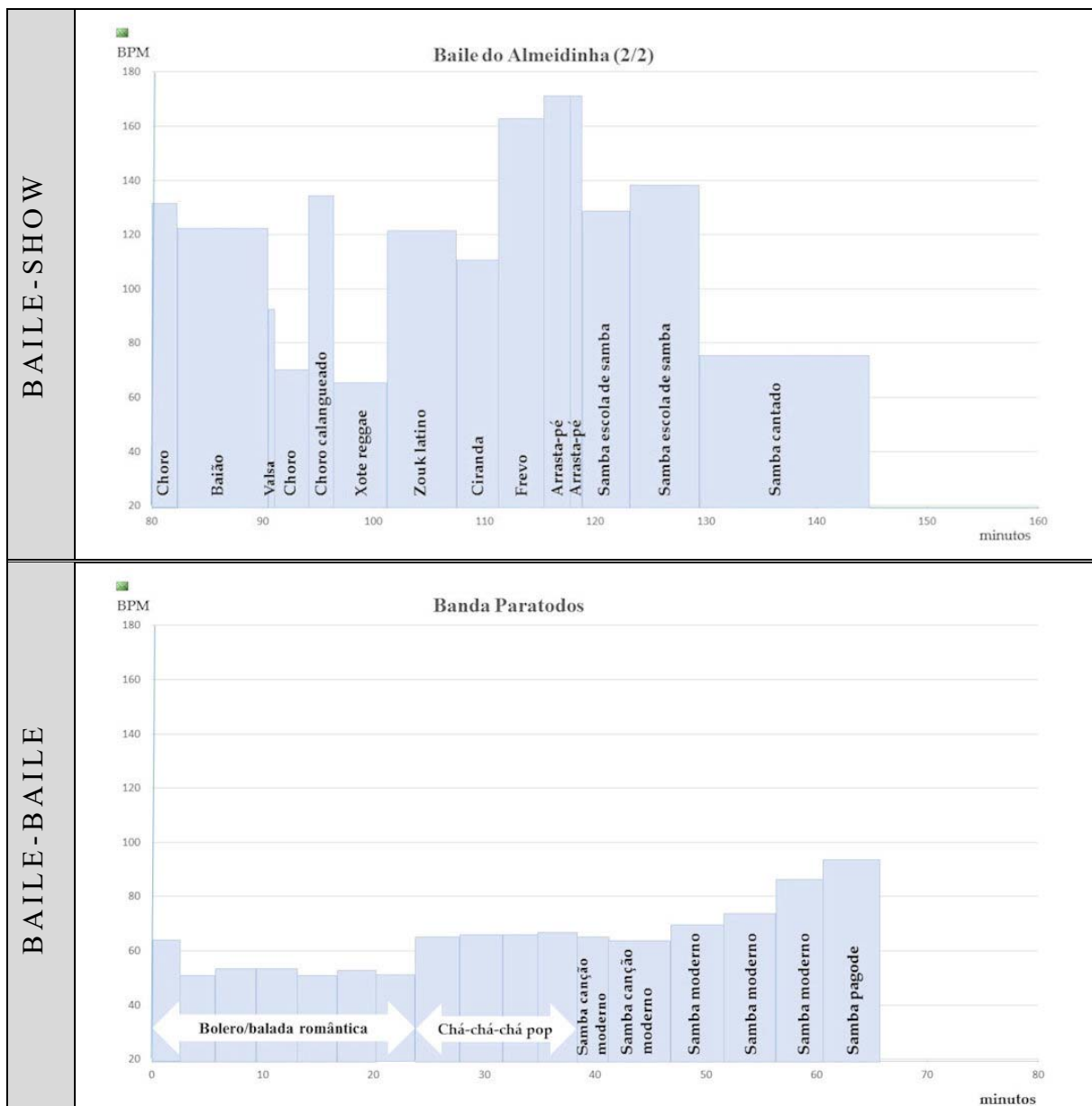
### Os arranjos

Aragão (2001) enfatiza que o arranjo musical na música popular seria “a reelaboração ou recomposição de uma obra musical ou de parte dela (como a melodia) para um meio ou conjunto diferente do original”. Segundo o autor, o arranjo (na música popular) passa por um processo de “recomposição” alternado ou somado ao de “reelaboração” (ARAGÃO, 2001, p. 10). Para Leme (2000), o entendimento da transcrição é um recurso para adaptar obras musicais a formações diferentes daquelas para as quais foram originalmente escritas (LEME, 2000, p. 26).

Nos Bailes-show há uma quantidade maior de arranjo nos termos de Leme (2000) e Aragão (2001), pela maior criação de introduções, reharmonizações, preocupação com contrastes timbrísticos. Como prática, observa-se o uso de “*Medley*” (Pot-pourri), com um arranjo musical pensado e organizado. Os Bailes, apesar de em menor quantidade, também apresentam alguns procedimentos de arranjo, principalmente em relação às levadas, mas é mais comum a prática da transcrição, ou como ela é popularmente conhecida: “*cover*”.

### Os resultados da dinâmica do baile

Os gráficos abaixo mostram um exemplo de cada tipo de baile: uma espécie de fotografia panorâmica do caráter de cada um deles, na sua dinâmica de tempo e duração; no eixo vertical, a marcação metronômica em BPM e no eixo horizontal, a duração de cada música ao longo do baile em minutos. É visível o contraste entre a categoria “Baile-show”, que apresenta uma variedade maior de andamentos (em BPM) e maior duração das músicas (largura das barras), nos BPM das músicas (altura das barras), e têm uma tendência aos andamentos mais altos (ocupam a parte superior do gráfico). Os Bailes-baile têm músicas com duração parecidas, com gradativas subidas de andamento. Os BPM são no geral mais lentos que nos Bailes-show, por isso ocupam a parte inferior do gráfico.



*Gráfico 3: Representação das Durações, Andamentos (BPM) e Gêneros (exemplos).*

Utilizando a noção de Repertório, foram descritos alguns espaços de gafeira, formações instrumentais e o conjunto de gêneros musicais escolhidos para cada situação. Cada baile tem características próprias e o seu movimento pode ser percebido através do tempo musical: andamentos, durações e conexões dos temas. Há uma negociação do tempo, ou seja, do tempo das músicas, do tempo do baile e do tempo metronômico (os andamentos), um importante elemento de caracterização dos gêneros. Outra noção de tempo se dá pela oposição passado e presente, determinados grupos tocam mais sambas antigos em oposição aos modernos, e a própria categorização do gênero passa por estas noções de tempo e de geração das gravações. Além disto, cada circunstância de execução determina o que é possível ser tocado ou não. Esses critérios possibilitam um melhor entendimento da multiplicidade das formas dos bailes de gafeira e do movimento dos Repertórios.

### **Bibliografia**

ARAGÃO, Paulo. *Pixinguinha e a gênese do arranjo musical brasileiro (1929 a 1935)*. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música. UNIRIO, 2001.

FAULKNER, Robert; BECKER, Howard. *El Jazz em acción. La dinámica de los músicos sobre el escenario*. 304 p. Siglo XXI de Argentina Editores, 2011. Trad. Stella Mastrangelo.

PAES LEME, Beatriz Campello. *Guerra-Peixe e as 14 canções do guia prático de Villa-Lobos. Reflexões acerca da prática da transcrição*. Dissertação Programa de Pós-graduação em Música. UNIRIO, 2000.

---

<sup>1</sup> A palavra “gafeira” começou a aparecer no início do sec. XX no Rio de Janeiro e, até hoje, é usada de diversas maneiras: para caracterizar um local, em baile ou um subgênero do samba, o “samba de gafeira”. Os bailes de gafeira podem ter menor ou maior aproximação com as construções do passado (repertórios, condutas, roupas) e são vinculados ao que se espera de cada espaço. São códigos que identificam essas práticas, em alguns locais, para alguns grupos, e eles são usados e “desusados” de maneiras singulares. A partir, aproximadamente dos anos 1990, a percepção sobre a gafeira e sobre os elementos de caracterização da gafeira se transformaram, no sentido de que devem ser considerados os DJs, os bailes vinculados às academias de dança de salão e outras representações.

<sup>2</sup> No corpo deste texto, toda vez que aparece a palavra “Repertório” como conceito ela aparece com R maiúsculo, quando se refere a um agrupamento de canções vem r minúsculo.

<sup>3</sup> O termo “mundos” se refere ao conceito de “Mundos Artísticos” de Howard S. Becker. Encontra-se no livro *Art Worlds*, Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1982.

<sup>4</sup> As canções são o acervo base a partir do qual os músicos constroem um repertório, para si mesmos - constituindo um repertório individual - ou para um grupo, para tocar uma noite ou períodos mais longos, ou para uma comunidade local de músicos, no qual líderes formam bandas para eventuais compromissos.

<sup>5</sup> Os executantes são músicos ou cantores que executam canções das mais diversas. Faulkner e Becker enfocam o trabalho do músico comum. Esse tipo de músico tem uma experiência vasta e toca um pouco de vários estilos, acumulando diferentes experiências e repertórios.

<sup>6</sup> O termo “baile” em si é extremamente amplo e, hoje em dia, abrange variadas práticas: baile funk, baile charme, bailes da década de 1980, baile de salsa, baile de tango, baile de forró; até pouco tempo atrás os bailes de formatura com grandes orquestras, que eram muito comuns. O termo “Banda de baile” também inclui dezenas de bandas especializadas em música para casamento, música de festa com uma multiplicidade de usos e sociabilidades. Estes sentidos de baile acima descritos diferem do baile de gafeira que tem como característica



marcante a dança de salão ou “dança a dois” e o uso do samba (em maior ou menor quantidade, de acordo com cada baile).

<sup>7</sup> Nas décadas de 1980 e 1990, há um florescimento das academias de dança de salão pela moda da lambada, e o samba de gafieira fica vinculado a estes ambientes como uma modalidade de dança de salão. Ocorre a construção de um novo espaço para a gafieira através das academias de dança de salão, principalmente pela contribuição de Jaime Arôxa e Carlinhos de Jesus, ambos ex-alunos de Maria Antonietta, importante dançarina e professora de dança de salão.

<sup>8</sup> O Baile do Almeidinha é liderado pelo bandolinista Hamilton de Holanda e ocorre mensalmente, desde 2014, no Circo Voador, Lapa - Rio de Janeiro. Parte de sua prática é convidar artistas renomados (Zélia Duncan, Hermeto Pascoal, Dudu Nobre entre outros) para este baile.

<sup>9</sup> “Daniela Spielmann Quarteto”, “Gafieira na Surdina” e “Gafieira Carioca” são grupos que atuaram no Rio Scenarium, Lapa - Rio de Janeiro, em um projeto chamado “Quartas de Gafieira”, entre abril e setembro de 2016.

<sup>10</sup> O Centro Cultural Carioca se situava na Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, e era vinculado à Escola de Dança CCC. Alessandro Kramer, mais conhecido como Bebê, gaúcho natural de Vacaria, é acordeonista e líder do conjunto que leva seu apelido: “Gafieira do Bebê”.

<sup>11</sup> A Orquestra Tabajara é a mais longeva Orquestra no formato *big band* no Brasil. Foi comandada por Severino Araújo, que era regente, arranjador, compositor e clarinetista. A Orquestra veio de João Pessoa (PA) para o Rio de Janeiro em 1945. Tendo atuado em rádios, TV, shows, bailes e gravações até hoje.

<sup>12</sup> O baile da Orquestra Tabajara ocorreu durante uma festa de casamento no Copacabana Palace, Rio de Janeiro.

<sup>13</sup> O baile da Banda Paratodos ocorreu no evento “baile de sábado” da Estudantina Musical, Praça Tiradentes - Rio de Janeiro.

<sup>14</sup> O baile da Banda Estação Rio ocorreu no evento “baile da terceira idade” no Clube dos Democráticos, Lapa - Rio de Janeiro.

<sup>15</sup> O “Baile do Meio Dia” ocorre na Escola de Dança CCC, Centro – Rio de Janeiro. É um baile ligado a academias de dança de salão.

<sup>16</sup> O baile “Domingueira da Paulinha” ocorre quinzenalmente na Gafieira Elite (Elite Clube), Praça da República, Rio de Janeiro. É também um baile ligado a academias de dança de salão.

<sup>17</sup> A maioria dos conjuntos de baile tem um dono e essa dinâmica de trabalho é diferente da maneira como os músicos dos Bailes-show se organizam: geralmente é acertado um valor por “função” e há uma direção musical.

<sup>18</sup> Os áudios foram gravados por aplicativos do telefone, não havia canais separados, e ruídos do ambiente como também comentários dos músicos e/ou DJ sobre as músicas tocadas estão misturados com os sons dos temas.

<sup>19</sup> Foi preciso escolher um instrumento como referência para marcar o tempo, e na maioria dos casos foi a bateria ou o baixo. Através do plug-in *Tempo Tracker*, desenvolvido pela *Queen Mary University*, foram encontradas as variações do tempo das performances. Foi utilizada a média de BPM por faixa, pois eram muitas músicas, e apesar de em muitos momentos ocorrerem oscilações de tempo, o foco da análise não era a pesquisa destas variações e sim o BPM genérico de cada música.

<sup>20</sup> Através da escuta de alguns sets de cada baile, se tentou definir aspectos específicos dos gêneros musicais partindo da noção de que eles são constituídos socialmente, ou seja, as pessoas que vivenciam o campo, no qual as músicas estão sendo tocadas, entendem determinadas características sonoras, musicais e textuais (se a música for vocal e tiver letra), e determinam socialmente quais são as características constituintes de cada gênero.

<sup>21</sup> Todos os músicos entrevistados são profissionais, atuantes no momento da pesquisa, e trabalham também em bailes. Alguns músicos pediram para não ser identificados.

<sup>22</sup> Os parâmetros de classificação dos gêneros musicais têm pesos diferentes em função de quem está categorizando, por isso é difícil encontrar definições precisas para cada gênero musical. O BPM, por exemplo, é o principal elemento que identifica o samba-canção e o samba rasgado, lento e rápido, respectivamente. Segundo os músicos entrevistados, o uso do naipe de metais (saxofones, trompetes e trombones) diferenciariam os sambas de gafieira dos sambas tradicionais. Os sopros fazem frases rítmicas que valorizam as síncopes e a bateria muitas vezes pontua essas frases que são tocadas “em bloco”. Para a DJ, a forma musical e a letra são determinantes na categorização: não há refrão e a letra aborda crônicas que falam do passado.